

# A RACIONALIDADE NEOLIBERAL EM DISCURSOS SOBRE A POBREZA NO TIKTOK

## THE NEOLIBERAL RATIONALITY IN DISCOURSES ABOUT POVERTY ON TIKTOK

Wislany Morais de Oliveira

UFERSA

Emanuele Vitória de Oliveira Leite

UERN

Francisco Vieira da Silva

UFERSA

**Resumo:** O presente artigo analisa a racionalidade neoliberal em discursos sobre a pobreza no *TikTok*. Ancora-se nos pressupostos teóricos de Michel Foucault ([1969] 2008; [1970] 2013; [1982] 1995) a respeito do discurso, enunciado e formação discursiva, bem como nas teorizações defendidas por Dardot e Laval (2016) e Foucault ([1979] 2008b) sobre a intrínseca relação do neoliberalismo com a pobreza, dentre outros. O *corpus* de análise é constituído por quatro recortes de discursos retirados de vídeos do aplicativo *TikTok*. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. As análises permitem observar que a pobreza é discursivizada como uma condição estritamente individual, bastando somente esforçar-se, do ponto de vista mental, para ascender socialmente e sair desse lugar de vulnerabilidade.

**Palavras-chave:** Discurso. Racionalidade Neoliberal. Pobreza.

**Abstract:** This article analyzes neoliberal rationality in discourses about poverty on *TikTok*. It is anchored in the theoretical assumptions of Michel Foucault ([1969] 2008; [1970] 2013; [1982] 1995) regarding discourse, enunciation, and discursive formation, as well as in the theories advocated by Dardot and Laval (2016) and Foucault ([1979] 2008b) about the intrinsic relationship of neoliberalism with poverty, among others. The analysis corpus consists of four excerpts of discourse taken from *TikTok* videos. Methodologically, it is a descriptive-interpretive study of a qualitative nature. The analysis reveals that poverty is discursively framed as a strictly individual condition, requiring only mental effort to socially ascend and escape this place of vulnerability.

**Keywords:** Discourse. Neoliberal Rationality. Poverty. *TikTok*.

## INTRODUÇÃO

Com o avanço contínuo das tecnologias digitais, os meios de comunicação estão cada vez mais eficazes e acessíveis, contribuindo significativamente para a conexão e a interação entre pessoas localizadas em qualquer parte do planeta, tornando-se um fenômeno mundial. Em virtude deste crescimento, os recursos tecnológicos estão progressivamente mais presentes em nosso dia a dia, estabelecendo uma relação direta dos sujeitos com as tecnologias digitais (Crary, 2023).

Neste mesmo sentido, conseguimos evidenciar que as pessoas buscam continuamente novas formas de comunicação, de entretenimento e de mercado por meio destas novas ferramentas. Logo, devido à ampliação e à proliferação das redes sociais digitais, os sujeitos mudaram o seu jeito de ser, o seu modo de agir e a maneira de se relacionar com os outros indivíduos, sendo majoritariamente influenciados nas suas relações sociais, principalmente no que se refere à comunicação e tecnologia (Crary, 2023).

Dentre os vários tipos de redes sociais digitais que apresentam objetivos diferentes, funcionalidades distintas e públicos específicos, limitamos o campo de investigação deste estudo à mídia social *TikTok*— plataforma social

para compartilhamentos de vídeos, que teve o seu sucesso assegurado durante a pandemia da covid-19, contando, na contemporaneidade, com um (1) bilhão de usuários. O estudo de Dantas (2022, p. 03) ainda acrescenta que o contexto pandêmico originou “demanda por novas formas de interação social e conteúdos”. Seguindo esse pressuposto, compreendemos que a plataforma pode ser utilizada para finalidade e conteúdos distintos, como *challenges*, comentários, dicas profissionais, danças, *podcasts* e outros. Além disso, a rede social também se mostra ser um terreno fértil para a emergência de diferentes discursos, principalmente porque, segundo Torres-Toukoumidis e De-Santis (2021), trata-se de uma plataforma hipermediática pautada em uma interação dinâmica, cujas aproximações algorítmicas possibilitam uma conexão mais íntima entre os usuários.

Quanto à justificativa para este estudo, podemos defender que se ancora no fato de a pobreza ter aumentado no Brasil durante a pandemia da covid-19. Estudos apontam para os efeitos da pandemia nas esferas sociais, econômicas e políticas (Feitosa; Sousa Filho; Santos, 2022). Neste sentido, compreendemos que a condição social dos sujeitos foi bruscamente afetada pelo surto e disseminação do vírus que, como vimos, impossibilitou o funcionamento de diferentes setores e empresas, agravando a crise econômica e entravando as possibilidades daqueles que já ocupavam, antes da pandemia, as taxas de desemprego, de subemprego e de trabalho precarizado.

Além do exposto, o vínculo dos discursos sobre a pobreza com a racionalidade neoliberal também corroborou para o desenvolvimento desta pesquisa. De acordo com essa forma de governo, a questão da pobreza deve ser tratada como algo individual e não coletivo. Diante disso, a racionalidade neoliberal não se preocupa em combater e/ou acabar com a pobreza, mas com o gerenciamento desta. Segundo Sousa (2020, p. 44): “[...] a política social do neoliberalismo não pode adotar a igualdade como objetivo, mas deve deixar agir, fazer funcionar as desigualdades, que não são produtos do funcionamento de mercado, mas gestadas pela própria sociedade”. Assim, a pobreza acaba sendo uma condição necessária ao exercício e funcionamento da racionalidade neoliberal que, por sua vez, requer sujeitos sempre condicionados, flexíveis e resilientes às exigências do sistema.

Não obstante o mérito de outros trabalhos realizados, faz-se necessário sinalizarmos que há uma lacuna em estudos da linguagem que se debruçam na análise de discursos sobre a pobreza no aplicativo *TikTok*<sup>1</sup>, parecendo-nos fundamental que pesquisadores da linguagem se disponham a desenvolver estudos voltados à influência desses discursos dentro da esfera educacional e para além dela. Tendo dito isso, a problemática que permeia este artigo busca responder à seguinte questão: como a racionalidade neoliberal influi na construção de discursos sobre a pobreza no *TikTok*?

Nessa perspectiva, uma possibilidade de contribuição é apresentada neste trabalho, tendo objetivo analisar como a racionalidade neoliberal influi na construção de discursos sobre a pobreza no *TikTok*. À luz das discussões levantadas e propostas pelo filósofo Michel Foucault, realizamos análises discursivas voltadas à problemática exposta, contribuindo para o surgimento de novas pesquisas e estudos, abrindo caminho para outros pesquisadores interessados na área. De modo mais específico, analisamos quatro materialidades discursivas, em formato de vídeos, que foram retiradas do *TikTok*<sup>2</sup>.

Com o intuito de subsidiar as análises requeridas, buscamos amparo nas discussões elucidadas por Michel Foucault ([1969] 2008; [1970] 2013; [1982] 1995) acerca do discurso, do enunciado e da formação discursiva. Valemo-nos ainda de algumas contribuições de Fischer (2013), Azevedo (2013), Silva e Machado Júnior (2016) e Silva (2022), que refletem sobre as teorizações propostas por Foucault. Sobre a governamentalidade neoliberal, pautamo-nos nas ponderações de Dardot e Laval (2016) e de Foucault ([1979] 2008b), para refletir sobre as peculiaridades dessa forma governo e sobre a sua relação com a pobreza,

---

<sup>1</sup> Realizamos uma busca no Google Acadêmico, em janeiro de 2023 e não localizamos nenhum trabalho com esse direcionamento.

<sup>2</sup> Em março de 2023, pesquisamos no *TikTok* vídeos que tivessem, em seu título ou na legenda, termos como “pobre” e “pobreza”. Conseguimos localizar dez vídeos e desse total escolhemos quatro para a construção deste trabalho.

assim como em outros autores.

Em relação à organização retórica, o artigo está composto por mais três seções distribuídas, além desta introdução, a saber: um referencial teórico, que é ancorado em dois tópicos: alguns fundamentos foucaultianos; pensando sobre o neoliberalismo e a gestão da pobreza, respectivamente. Em seguida, apresentamos as materialidades estudadas e analisadas que foram retiradas do aplicativo digital referido acima, e por fim, têm-se as considerações finais.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Mediante a necessidade de compreendermos como se constituem os discursos em torno da pobreza no aplicativo *TikTok*, esta seção discute os conceitos de *discurso*, *enunciado* e *formação discursiva*, que se centraram nas ancoragens teóricas propostas por Michel Foucault. Em seguida, apresenta reflexões a respeito da pobreza e do neoliberalismo.

### Alguns fundamentos foucaultianos

Frequentemente, deparamo-nos com pesquisas que utilizam o conceito de discurso como objeto de estudo. Todavia, muitos pesquisadores ancoram e sustentam as suas análises no nível puramente linguístico, compreendendo que as produções de sentidos e significados estão condicionadas, exclusivamente, ao domínio verbal, deixando as práticas históricas, sociais e políticas como plano de fundo na construção das suas análises discursivas. Para Fischer (2013, p. 124), estamos “[...] familiarizados com estudos sobre o discurso, em que este aparece diretamente relacionado à palavra, falada ou escrita, vista na sua condição de “representar” algo, de “significar” alguma coisa [...]”. No entanto, segundo a perspectiva foucaultiana, compreendemos o discurso enquanto um acontecimento histórico, conforme veremos.

Antes de adentrarmos nas teorizações escritas por Michel Foucault sobre a Análise do Discurso (AD), que foram indispensáveis para a realização desta pesquisa, é oportuno destacarmos, concisamente, sobre a sua considerável contribuição para a produção de inúmeras pesquisas nos ambientes acadêmicos. Os estudos de Foucault são caracterizados por três fases distintas, quais sejam: a arqueológica, a genealógica e a ética, respectivamente. Em cada uma dessas fases, o autor francês se propôs a estudar as mais variadas áreas do conhecimento, como o sujeito em si, a loucura, a psiquiatria, a sexualidade, as relações de poder, o discurso, dentre outras (Gregolin, 2016).

Nesta pesquisa, o que nos interessa são as teorizações referentes ao discurso pensadas por Foucault, em especial nas obras *A arqueologia do saber* (1969) e na aula inaugural no Colégio de França, conhecida como *A ordem do discurso*, que foi ministrada em 1970. Como primeiro subsídio, em *A arqueologia do saber*, Foucault (2008, p.157) considera que “A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras”. Consideramos, portanto, que a arqueologia busca investigar a emergência discursiva e como um saber vem a ser o que é.

A arqueologia configura-se como uma modalidade para a área da análise discursiva, na medida em que objetiva abrir caminhos para novas concepções e perspectivas. através de um olhar crítico e problematizador, Foucault inicia, através do método arqueológico e genealógico, a romper com a noção de que os discursos são práticas lineares e contínuas da história. De acordo com Foucault (2013, p. 52-53), “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram e se excluem.” Destarte, nesta nova metodologia, passa a ser possível analisar e enxergar as discontinuidades presentes nos discursos e, por essa razão, o discurso começa a ser tratado como um acontecimento histórico.

Faz-se necessário mencionar que o discurso, segundo Silva e Machado Júnior (2016) não é imaterial, é, ao contrário, materializado em práticas sociais dos sujeitos. Todavia, embora material, o discurso não deve ser analisado somente de maneira estrutural, ou seja, a sua análise não deve se reduzir unicamente aos objetos linguísticos, como as frases, as preposições e/ou os atos de fala. Tendo como pressuposto a ideia referida acima, podemos dizer que os discursos são práticas sociais e históricas que se materializam a partir de questões relativas ao lugar, a época, ao tempo histórico, ao tipo de sujeito que enunciou e para quem enunciou, sendo responsáveis, a partir dessas condições, a produzirem diversos efeitos e sentidos nos sujeitos. Conforme destaca Foucault (2008, p. 124)

[...] qualquer objeto, na sua materialidade, existe sempre sob condições muito específicas de tempo e espaço, e é inseparável dos quadros formais no interior dos quais se constituiu, pelos quais foi nomeado e, assim, se tornou uma “coisa dita” deste e não daquele modo-incluindo-se aí todas as variações possíveis em certo período histórico e em certo lugar.

Ainda em relação ao discurso, Foucault (2013, p. 10) assevera que ele “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” Assim, por ser utilizado como objeto de luta, os discursos fazem desencadear as relações de poder, dessa forma, não há discurso sem relações de poder e vice-versa. Isso posto, o discurso e as relações de poder operam em todas as esferas sociais, manifestando-se no cotidiano dos sujeitos, seja em ambientes formais ou informais, como no trabalho, na escola ou até mesmo nas interações que acontecem cotidiano dos indivíduos.

Ademais, o autor ainda pontua que o discurso aparece como “[...] um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’), a questão do poder; um bem que é, por natureza, objeto de luta, e de uma luta política.” (Foucault, 2008, p. 137). Desse modo, os sujeitos ocultam ou pronunciam livremente os seus discursos, utilizando-os como instrumentos de controle e/ou resistência, sendo produzidos por diferentes camadas sociais.

No tocante a essas camadas, os discursos de determinados grupos sociais podem não ser aceitos por certos grupos, assim como alguns sujeitos podem ter poder sobre outros sujeitos, pois, conforme Tilio (2008, p. 106), “[...] dependendo da posição ocupada pelos participantes do discurso em cada uma dessas práticas, serão determinadas as relações de poder, em maior ou menor grau, que uns participantes terão sobre outros”. Não é por acaso que Foucault (1995) compreende que os sujeitos se constituem a partir das posições que ocupam no discurso, sendo por ele definidos. Tais posições podem ocupar, por vezes, um lugar de autoridade em um dado discurso, como as relações de dominação entre pais e filhos, por exemplo, ou ainda, utilizando a nossa proposta como premissa, a relação entre a pobreza e riqueza, sendo que esta última certamente ocupa um lugar de maior prestígio social.

Essas relações de poder são refletidas por Foucault (1995), ao propor que o poder não se trata de um mecanismo de repressão, mas se exerce como uma produtividade. Para que as relações de poder sejam efetivadas e existam, estas não devem ser vistas somente como uma força repressiva e/ou proibitiva, mas como uma rede produtiva e positiva que “atravessa” todas as camadas sociais, agindo sobre os sujeitos, sendo muito mais que uma instância com a função de reprimir.

No que se refere ao segundo conceito proposto, o *enunciado*, podemos afirmar que ele relaciona-se ao primeiro já discutido. Foucault (2008, p. 123) explica que “o enunciado não é, pois, uma unidade elementar que viria somar-se ou misturar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica”. Logo, afirmamos que o enunciado não é apenas uma unidade gramatical, não é frase, proposição ao ato de fala. O enunciado é, segundo o filósofo francês, condição de existência e determina, portanto, a coerência de determinados saberes e a existência destes.

A constituição do enunciado não se dá apenas em nível contextual ou estrutural, mas acontece mediante a análise da relação com outros enunciados (Joanilho, 2016). Assim, diferente das categorias gramaticais postas supra, o enunciado se constitui como uma unidade elementar do discurso, sendo produzidos a partir do princípio da descontinuidade, ou seja, para que ocorra a produção de efeitos de sentido, é necessário que existam processos de correlações entre os enunciados, na medida em que eles são produzidos a partir de uma mesma formação discursiva, e, por isso, não devem ser tratados como elementos fechados em si e nem como materialidades individuais e autônomas que podem ser analisadas isoladamente.

É impossível abordarmos as especificidades dos enunciados e não sermos direcionados a uma discussão concernente às *formações discursivas*, uma vez que elas reúnem um grupo de enunciados. Segundo Foucault (2008, p. 132), “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma preposição a um conjunto dedutivo.” Assim sendo, discutir a questão do enunciado, o autor propõe uma concepção de formação discursiva a partir de uma perspectiva de descontinuidade, de dispersão e repartição.

No entanto, mesmo diante desses elementos, temos a possibilidade de encontrar, por meio da ordem e da correlação, regularidades no interior dessas dispersões; por isso, podemos relacionar enunciados que foram produzidos em épocas distintas, tendo em vista que:

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára o tempo e o congela por décadas e séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais: coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. (Foucault, 2008, p. 83)

As considerações tecidas aqui, a partir do pensamento de Michel Foucault e de seus comentadores, sobre discurso, enunciado e formação discursiva nos permitem construir uma compreensão mais profunda sobre como são constituídos os discursos que circulam socialmente, assim como sobre as verdades e os valores que eles revelam. Portanto, compreender um enunciado na perspectiva de Foucault é também realizar uma avaliação com as suas práticas discursivas, percebendo que o seu funcionamento não está isolado na história, principalmente pelo fato de que este “[...] não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história” (Azevedo, 2013, p. 153).

Diante disso, compreendemos que o discurso se constitui como uma prática social e histórica que se relaciona intimamente com o poder, com a resistência e com a produção de subjetividade. Para tanto, ainda é necessário verificarmos um pouco sobre a relação entre a governamentalidade neoliberal e a pobreza; por isso, a próxima seção visa discutir sobre esse direcionamento.

## **Pensando sobre o neoliberalismo e a gestão da pobreza**

Antes de realizarmos uma abordagem que pondere o princípio da *racionalidade* neoliberal e suas estratégias de governo, é substancial voltarmos no tempo para que, assim, possamos tecer algumas considerações sobre o Liberalismo clássico – corrente teórica que antecedeu o Neoliberalismo. A partir de uma nova ótica governamental, a teoria da liberdade individual passou a ser defendida e adotada pelos governantes liberais, sendo utilizada como principal objeto de consumo e gestão, assegurando, na medida em que é obrigada a produzi-la e organizá-la, que todos os sujeitos tenham autonomia e direito subjetivo à liberdade.

Segundo as considerações de Foucault (2008b, p. 86), é possível compreender o liberalismo partindo da seguinte formulação “vou produzir o necessário para tornar você livre. Vou fazer de tal modo que você tenha a liberdade de ser livre.” Em outras palavras, o governo liberal passa a utilizar a liberdade como um instrumento de controle dos corpos e das subjetividades, levando os sujeitos a crerem que são livres. No entanto, é importante ponderarmos que essa liberdade ocorre sempre em níveis reduzidos de possibilidades, condicionando o sujeito a uma dinâmica já existente. É, pois, uma liberdade questionável e paradoxal. Para Han (2015), trata-se de uma autoexploração que é melhor e mais eficaz do que a exploração do outro, porque nesta o sujeito acredita na sua liberdade.

A discussão sobre as artes de governar do liberalismo e do neoliberalismo aparece em Foucault (2008b) por intermédio de um curso dado no Collège da França, em 1979, sendo posteriormente publicado sob o título de *Nascimento da Biopolítica*. Para além dos pressupostos pensados por Foucault, Dardot e Laval (2016, p. 16) defendem em seu livro *A nova razão do mundo* que o governo neoliberal é, antes de mais nada, uma racionalidade, pois “[...] tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados.” Isso significa dizer que o neoliberalismo incide diretamente na produção da subjetividade. A partir das reflexões tecidas por Foucault (2008b) sobre a governamentalidade liberal e da tese defendida por Dardot e Laval (2016) sobre a teoria da racionalidade, centraremos o nosso foco, a partir de agora, na razão neoliberal.

De acordo com as discussões propostas por Foucault (2008b), o governo neoliberal é responsável por remodelar as teorias do liberalismo clássico, criando um novo *homo oeconomicus*, diferente do *homo oeconomicus* de troca presente nas teorias do liberalismo clássico, tendo em vista que passará a ser considerado um empresário de si, “[...] sendo ele próprio o seu capital, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda.” (FOUCAULT, 2008b, p. 311). Partindo dessa perspectiva, acredita-se que deve ser atribuído ao sujeito o empreendedorismo e gestão da sua vida, tendo o Estado pouca intervenção e, portanto, nenhuma responsabilização. Seguindo o pressuposto de que haja liberdade e autonomia para desenvolver as capacidades empreendedoras, é possível entender que as instâncias governamentais acabam por isentar-se de certos cuidados que deveriam ser projetados e voltados aos sujeitos.

Na sociedade neoliberal, funciona o princípio da concorrência, por meio da qual as lutas se dão tanto em nível social quanto interno. Dardot e Laval (2016, p. 17) discorrem a respeito do princípio da concorrência e salientam que “o neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.” Sob esse viés, no regime neoliberal, o sujeito passa a ser o protagonista da sua vida, logo, é necessário que ele seja ativo, flexível e empreendedor, sendo o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso.

Em nível social, a rivalidade ocorre com o outro, por meio da superação do concorrente que, por sua vez, também é levado a crer que a única ferramenta necessária ao seu sucesso é a sua força de vontade. Cria-se uma maquinária social e interminável de disputa em que se ambiciona limites que, por vezes, fogem do domínio dos sujeitos. Podemos ilustrar esse funcionamento a partir das taxas de pobreza. De acordo com uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil atingiu o número de 62,5 milhões de pobres em 2021, um aumento de 22,7% com relação ao número de pobres em 2020 e 48,2% de brasileiros que vivem em extrema pobreza. Além disso, a pesquisa ainda mostra mais pobres pretos e pardos do que brancos, revelando que o preconceito e a desigualdade racial são também dos elementos que corroboram para a pobreza no Brasil.

Partindo dessa análise, um indivíduo pode ser muito competente e esforçado e, ainda assim, estar ocupando essas taxas de desemprego. Portanto, a responsabilidade pela sua condição não é inteiramente sua, mas de uma série de questões como (i) a ausência de política/organização de governo que busque a

integração, com dignidade, dessas pessoas na sociedade, bem como estratégias de amparo social e criação de oportunidades; (ii) crises econômicas, como evidenciamos durante a pandemia da covid-19, em que ocorreu quedas de mercado; (iii) má distribuição de renda; (iv) injustiças sociais, como o histórico de escravidão no Brasil e; (v) as mudanças nos fluxos do capital e da indústria que constantemente descartam a mão de obra em favor de máquinas modernas, ágeis e eficazes.

Frente ao exposto, concordamos com as palavras de Neumann (2022, p. 152), ao afirmar que “[...] o que se faz mais facilmente é culpar o trabalhador, ao invés de se modificar o modo como o trabalho é organizado, visto que o desemprego é alimentado pela precarização do trabalho”. Assim, o neoliberalismo leva o sujeito a crer que o culpado pela pobreza não é o Estado e o regime capitalista, mas ele próprio, tendo em vista que a principal característica do neoliberalismo é a concorrência. Nessa lógica, o princípio da concorrência passa a agir como um mecanismo potencializador da competição, adentrando na vida social dos indivíduos, levando-os a mudarem os seus comportamentos e pensamentos, estimulando para um constante aperfeiçoamento e investimento pessoal, com vistas a vencer os desafios e as concorrências, introduzindo-se no âmago dos sujeitos.

A fim de delimitar o nosso campo de investigação, iremos, a partir deste dado momento, discorrer a respeito da relação das políticas neoliberais com a pobreza nos países da América Latina, em especial no Brasil. Nos países da América Latina, o modelo de governo neoliberal postulado por franceses, alemães e norte-americanos foi implementado na década de 1990, dando início, de acordo com Leguizamón (2005, s/p *apud* Campos, 2007, p. 03) a uma “[...] nova fase da pobreza na América Latina.”

Por adotarem estratégias econômicas que consideram o mercado superior ao Estado, a economia neoliberal beneficia, sobretudo, as grandes potências e as grandes empresas, gerando, assim, uma demasiada desigualdade social, aumentando significativamente o número de pobres em diversos países latino-americanos. Por se tratar de países subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento, a racionalidade neoliberal se mostrou ineficaz, pois aumentou a taxa de desemprego, baixou os salários, aumentou as diferenças sociais e deixou os países ainda mais dependentes do capital internacional dos países desenvolvidos (Campos, 2007).

No Brasil, a adoção do modelo neoliberal iniciou-se com ex-presidente Fernando Collor de Melo e continuou com o governo de Fernando Henrique Cardoso. Não diferente de outros países da América Latina, o Brasil também sofreu com as políticas assistencialistas aventadas pelos neoliberais, ficando estagnado economicamente e dependente das grandes potências mundiais, prejudicando o seu processo de desenvolvimento nos anos 2000 (Campos, 2007). No Brasil, em decorrência do plano econômico neoliberal, houve altas dívidas, segundo o estudo de Souza e Hoff (2019), bem como altas taxas de desemprego no início dos anos 2000. O recente estudo de Neunamm (2022) retrata essa realidade, pois, na pandemia, tendo em vista o isolamento social e a obrigação de permanecer em casa, muitas empresas necessitaram reduzir o número de funcionários e acabaram demitindo uma considerável parcela de trabalhadores.

Com vistas a superar essa situação de desemprego, o trabalhador autônomo teve que “reinventar-se”, bem como prega a racionalidade neoliberal, na qual o empreendedorismo é a base do negócio. Portanto, o trabalhador empreendedor deve ser capaz de criar meios de vender o seu produto, adaptando-se constantemente ao mercado de trabalho e às suas exigências (Alves; Bagno; Gonçalves, 2020). Como exemplo, podemos discorrer sobre os *TikTokers* que surgiram no período da pandemia por meio da plataforma. Eles são vistos como empreendedores de si e trazem consigo discursos incentivadores, sendo, muitas vezes, compreendidos como pessoas nas quais devemos nos inspirar, justamente por serem sujeitos independentes e que, de certa forma, “não precisam de muitos recursos para fazer dinheiro”. Têm-se aí o discurso neoliberal de que “se eu posso, você também pode”.

Partindo dos apontamentos tecidos nos parágrafos precedentes, concluímos que o neoliberalismo é responsável por acentuar as desigualdades sociais, ao buscar desmontar as políticas protetivas e investir na

concorrência, causando a precariedade das condições de trabalho.

## ANÁLISES DAS MATERIALIDADES DISCURSIVAS

Antes de apresentarmos as análises realizadas nesta pesquisa, convém destacarmos que em decorrência da perspectiva teórica e, tomando como ponto de partida o nosso objetivo principal — analisar como a racionalidade neoliberal endossa a produção de discursos sobre a pobreza no *TikTok* — apresentamos separadamente o estudo dos quatro vídeos coletados no *TikTok* em março de 2023.

### Materialidade discursiva 1

A primeira materialidade analisada foi retirada da conta @pyerotavolazzi<sup>3</sup>. O perfil mencionado contabiliza 193,1 mil seguidores, já recebeu um total de 934,8 mil curtidas em todos os seus conteúdos e tem como principal característica a adoção de vídeos em formatos de “perguntas e respostas”. Com duração de 01min26s e 1,442 mil curtidas, o vídeo apresenta a seguinte legenda: “Mente de escassez é uma programação mental que você tem e se você deseja viver a boa, perfeita e agradável vontade de Deus na sua vida, precisa passar por uma mudança de mentalidade!”.

No vídeo, como se fosse um recorte de um *podcast*, há uma pergunta a ser respondida: “O que fazer quando a minha família tem mentalidade de pobre?” Podemos afirmar, *a priori*, que o enunciador é uma espécie de *coach*, um sujeito que se coloca numa posição de esclarecimento, dando dicas de como podemos solucionar a problemática posta supra. A primeira dica elencada é a seguinte: (i) sair de casa, se for maior de dezoito (18) anos e fazer cursos e treinamentos. Segunda dica: (ii) o sujeito enuncia em primeira pessoa: “eu com 18, 19 anos, eu fui embora de casa, mas eu fui embora de casa porque queria dar uma vida diferente para os meus pais”. Podemos elucidar, frente ao exposto, que os enunciados fazem alusão a um “novo sujeito”, com características empreendedoras e individuais, sendo estimulados, no presente discurso, a serem diferentes dos seus avós e de seus pais, uma vez que eles são vistos como possuidores de uma “mente escassa”.

Na primeira orientação, o sujeito é incentivado a sair de casa, devendo debruçar-se em leituras e treinamentos, para que, assim, torne-se um empreendedor bem-sucedido, e, se optar por não sair de casa, convém fazer o mesmo esforço individual, que seria por meio de leituras, de cursos e treinamentos. Logo, a noção de empreendedorismo invade na vida dos sujeitos, servindo de estímulo à competição, à concorrência e ao individualismo.

Por meio de uma racionalidade que prega e se fundamenta no princípio da livre concorrência, produz-se uma desmedida individualização, por meio da qual o sujeito se materializa na figura de um empreendedor de si mesmo, devendo aperfeiçoar-se constantemente (Oliveira, 2022). Tal fato ocorre na materialidade quando Pyero faz os seguintes questionamentos: “Quantos livros você vai ler por semana?”, “Quantos vídeos você vai assistir por dia?”, “Quantos treinamentos *online* você vai fazer?”. Especificamente nesse momento, é possível compreender que há um alinhamento do discurso do enunciador com a sociedade do desempenho explicada por Han (2015), na qual se acredita que a negatividade tem sido cada vez mais abolida e constantemente se dá lugar a motivações, projetos e iniciativas.

Progressivamente vemos o surgimento de patologias que, por vezes, relacionam-se às sobrecargas que são impostas pela sociedade, como no exemplo ilustrado na materialidade, na qual se expõe explicitamente a necessidade de aperfeiçoamento. Esse desempenho que é requerido dos sujeitos é uma forte característica do neoliberalismo. No caso do vídeo, esse processo ocorre quando o enunciador foca em termos

---

<sup>3</sup> A materialidade está disponível no seguinte endereço:

<<https://www.tiktok.com/@pyerotavolazzi/video/7178457966922829061?q=mentalidade%20de%20pobre&t=1677879995109>> Acessado em 03 de março de 2023.

que remetem à quantificação: “quantos livros [...] quantos vídeos e [...] quantos treinamentos?”. Na perspectiva de Han (2015), trata-se do imperativo do desempenho que funciona como uma nova ordem social, originando uma sociedade sempre em busca da maximização da sua produção.

No que se refere ao discurso de “evolução” e de esforço individual presente na segunda dica, tem-se que o sujeito é convocado a tomar a missão de fazer uma modificação na vida da sua família. Por meio de uma estratégia discursiva mobilizada, o *coach* enuncia em primeira pessoa, gerando um efeito mais “real”, colocando-se como um exemplo e dando maior representatividade e credibilidade ao seu dizer. Há mais passagens na materialidade que reforçam a individualidade da racionalidade neoliberal, na qual o sujeito é colocado em posição de protagonista da sua própria vida. Analisemos: “cabe você mudar isso”; “busque você ser a referência”; “busque você evoluir”. A partir desses enunciados, podemos afirmar que a racionalidade neoliberal, ao adotar políticas que limitam as ações do Estado, acaba responsabilizando e culpando os sujeitos por suas próprias condições de vida.

Há, ainda, uma semelhança da mente humana com uma máquina. Ao dizer que “a mente de escassez é uma programação mental que você tem”, o enunciador defende a ideia de que só depende de cada um de nós para que as mudanças aconteçam, negligenciando o sistema capitalista em que estamos inseridos. As palavras “download”, “lixeria” e “programação” associam o funcionamento psíquico dos seres humanos a um computador, fomentando a noção de que a pobreza não está atrelada a aspectos externos, mas, sim, somente a elementos subjetivos. Têm-se aí uma tentativa de reconfiguração do sujeito, a fim de que ele esteja alinhado a essas práticas discursivas.

Ao final do vídeo, tem-se uma articulação com o discurso religioso quando o enunciador diz: “[...] boa vontade de Deus na sua vida”. Foucault (1995, p. 237) discute a respeito do poder pastoral e sublinha que este “É uma forma de poder que não cuida apenas da comunidade como um todo, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida”. Nesta estratégia de governo, o poder é visto como essencialmente beneficente, na medida em que os indivíduos são governados continuamente e cuidadosamente, em que o principal objetivo é salvar o “rebanho”. Ao falar em Deus, o *coach* utiliza uma estratégia discursiva, valendo-se da fé e da religião para atingir algum público específico e, com isso, ganhar seguidores.

## Materialidade discursiva 2

A segunda materialidade analisada foi retirada da conta @rob.correa<sup>4</sup>. O perfil tem 466,5 mil seguidores e já recebeu um total de 5,5 milhões de curtidas em todos os seus vídeos. A materialidade tem a duração de 53 segundos, 5,592 mil curtidas e possui a seguinte legenda: “5 sinais de mentalidade de pobre #dinheiro #independenciafinanceira #riqueza #liberdadefinanceira #educaçãofinanceira #financas #desenvolvimento pessoal #investimentos.”

Inicialmente, é válido problematizarmos a legenda. Ao utilizar a palavra “sinais”, o enunciador busca chamar a atenção das pessoas, dando indícios de que esse tipo de mentalidade é negativa e ruim, fazendo, assim, uma espécie de alerta. Ainda na legenda do recorte 2, tem-se a utilização de algumas *hashtags* que apresentam sentidos e significados parecidos, embora sejam palavras diferentes. Ao fazer uso deste recurso digital, o usuário marca em seu discurso, por meio do símbolo *hashtag* (#), as palavras-chave e/ou os temas que são abordados em seu discurso, fazendo com que a sua postagem seja agrupada a outras postagens que tratam de assuntos iguais ou parecidos, para que, assim, consiga atingir o maior número de usuários e de visualizações. As *hashtags*, neste caso, são usadas a fim de que se possa agrupar o assunto abordado na

---

<sup>4</sup> A materialidade está disponível no seguinte endereço:

<<https://www.tiktok.com/@rob.correa/video/7104352601734450437?q=mentalidade%20de%20pobre&t=1677879995109>> Acessado em 03 de março de 2023.

materialidade a temas que tratam do mesmo assunto de interesse dos usuários, de modo a alcançar um maior número de pessoas.

Antes de expor os “5 sinais” de uma pessoa que tem “mentalidade de pobre”, Rob Correa faz uso de uma estratégia discursiva, ao dizer que esse tipo de mentalidade “[...] não tem nada a ver com a conta bancária”; aqui, ele afasta-se da questão financeira e enfoca apenas no lado psíquico (apontando para a cabeça). Ao discursivizar desse modo, Rob Correa potencialmente inclui todos os indivíduos no seu discurso, dos ricos aos pobres. A partir disso, podemos problematizar que exista, para o enunciador, um conjunto de comportamentos que julga comum ao pobre (ou àquele que possui mentalidade de pobre) e, conseqüentemente, que não se espera do rico, ou daquele que tenha uma mentalidade de rico), já que prefere enfatizar dessa maneira. Evidenciamos que o enunciador trabalha pautado em uma perspectiva de reprodução de estereótipos e preconceitos acerca do pobre, tendo em vista que consegue identificar e justificar, a partir de indicações, que supostamente o sujeito apresenta, se alguém possui ou não, mentalidade de pobre.

O primeiro sinal, segundo o enunciador: “Gasta para impressionar”. Nesse sentido, a ostentação é vista como algo a ser evitado, como coisa de “pobre”. Assim, para ter independência financeira, é necessário que os sujeitos poupem o dinheiro, para depois, investi-lo em cursos e treinamentos, por exemplo. Desse modo, conseguimos compreender que a imagem de um sujeito bem-sucedido é de alguém que poupa e investe, sempre com racionalidade, como defendido por Leite (2017). No entanto, essa representação não pode ser generalizada dessa maneira, pois entendemos que, assim como o sujeito que supostamente possui “mentalidade de pobre”, os sujeitos considerados ricos, nem sempre conseguem administrar e gerenciar de forma racional e adequada os seus recursos, necessitando, por vezes, de assessores de finanças, analistas, planejadores, consultores, empresários, etc.

O segundo sinal é o seguinte: “Usa o tempo livre só para entretenimento”. A ideia defendida aqui é a de que precisamos produzir sempre e não podemos/devemos descansar, afinal, necessitamos ser proativos. Nessa perspectiva, é necessário usar o tempo com “racionalidade”, para que, assim, não percamos tempo com coisas consideradas banais e fúteis, uma vez que, é preciso obter lucros financeiros a todo instante, sem relaxar. Partindo dessa ideia, podemos nos ancorar mais uma vez nas considerações de Han (2015) e Silva (2022), segundo os quais necessitamos produzir, investir e atender às demandas que nos são impostas. Para além disso, o enunciador ainda diz que as pessoas “[...] nunca tem tempo para estudar”, discursizando a figura do sujeito como a de alguém que não sabe gerir e controlar o seu próprio tempo.

O terceiro sinal exposto na materialidade é: “Vive de desculpas”. Assim como nos outros sinais apontados, os sujeitos são ensinados e instruídos a não viverem de subterfúgios, a não culparem o sistema capitalista. Pelo contrário, os indivíduos, embora trabalhem o dia todo e ganhem mal, precisam colocar em prática seus planejamentos e ideias, tendo em vista, que a falta de tempo e dinheiro não são um problema, mas, sim, a desculpa de uma pessoa que tem “mentalidade de pobre”. Esse discurso tenta convencer de que certas oportunidades e facilidades se dão da mesma maneira para todos(as) e, em todo caso, o enunciador parece desconhecer a realidade de grande parte dos brasileiros.

No que diz respeito ao quarto sinal, o enunciador afirma que aquele que possui mentalidade de pobre “Nunca assume responsabilidade”. O foco mais uma vez incide sobre o sujeito como responsável de si. Para ele, enquanto a pessoa ficar colocando a culpa no governo, nos políticos, na sociedade e no sistema capitalista, “[...] jamais ela vai ser rica”, uma vez que não assume o seu protagonismo. É válido mencionar que a nossa pretensão não é refutar a ideia de que iniciativa, foco e perseverança sejam importantes. Na verdade, consideramos que essas são características primordiais para se alcançar qualquer meta. No entanto, intentamos descentralizar justamente a ideia que o sujeito seja o único responsável pelos episódios de sucesso ou fracassos em sua vida, conforme aponta o enunciador. Dito isso, deparamo-nos com uma característica prototípica da racionalidade neoliberal – a responsabilização dos sujeitos por meio da ideia de liberdade e autossuficiência.

O quinto e último sinal proposto pelo enunciador é uma alegação de que, aquele que possui mentalidade pobre: “Tem raiva dos ricos e ódio da riqueza”. Segundo Rob Correa, ao internalizarem crenças segundo as quais as pessoas ricas enganam, de que o dinheiro é coisa ruim, entre outras crenças, os indivíduos se afastam mais ainda da riqueza. Além disso, ainda pode-se pressupor a existência de um ressentimento pela “boa” condição do outro. Esses discursos encontram condições de existência em uma farta literatura de autoajuda financeira. Desse filão, podemos citar o livro “Pai rico, pai pobre”, de Robert T. Kiyosaki, no qual o autor defende que a condição de vulnerabilidade está relacionada ao modo como cada um se comporta em relação ao dinheiro e aos investimentos e à falta de inteligência financeira, desconsiderando, pois, as desigualdades econômicas e sociais existentes.

### Materialidade discursiva 3

A terceira materialidade analisada foi retirada da conta @bruno\_perini<sup>5</sup>. O perfil mencionado conta com 1,3 milhões de seguidores e já recebeu um total de 22,4 milhões de curtidas em todos os seus vídeos. O material tem a duração de 59 segundos, 23,800 mil curtidas e dispõe da seguinte legenda: “Se você tem a mentalidade de pobre, busque trocá-la pela de rico...” A partir da própria legenda da postagem, o enunciador indica que se trata de um processo rápido e simples, trata-se de uma “troca”.

Inicialmente, Bruno Perini pontua que “[...] você se julga pobre, mas sua cabeça não é de pobre, você já tá com os arquivos mentais corretos”. Conseguimos compreender que há toda uma terminologia que associa o funcionamento da mente humana a um computador, como se fosse possível programá-la e mudá-la facilmente. Como na materialidade anterior, o enunciador foca em um tipo de riqueza que, *a priori*, não têm a ver com dinheiro, mas a comportamentos e posturas, uma riqueza mental, ligada a uma suposta inteligência que, posteriormente, mostra como desenvolvê-la.

O sujeito enunciador segue afirmando que “se você possui os arquivos mentais corretos”, “daqui há cinco anos tua situação vai estar muito diferente”. Assim, há toda uma promessa de futuro exitoso para pessoas que possuem a “mentalidade de rico” e que põem em prática todo o seu empreendedorismo, mesmo que não tenham capital suficiente. Então, o empreendedorismo surge como uma forma de camuflar os problemas de uma sociedade desigual, que ao invés de tentar solucioná-los, desfoca o próprio sistema ao colocar o sujeito em uma posição de referencialidade (Carmo, 2021).

Há, ainda, todo um discurso de superioridade para as pessoas que têm “mentalidade de rico”, ao afirmar “A pessoa rica se torna maior que seus problemas, enquanto a pessoa pobre é menor do que ele”. Segundo Perini, obviamente que as pessoas ricas possuem preocupações, mas estas não estão associadas à falta de dinheiro. Na perspectiva do enunciador, conseguimos entender que o dinheiro é a chave para a resolução dos problemas, portanto, qualquer dificuldade poderá ser solucionada, enquanto o problema do pobre, por menor que seja, parece ser maximizada pela ausência de dinheiro.

Na sequência, Bruno Perini começa a enunciar o seu discurso em primeira pessoa, dando destaque ao seu esforço individual. Ele conta que o cunhado foi acometido pela covid-19 e teve que ser internado. Após o fim do período de internação, a conta do hospital lhe custou mais de 100 mil reais e conseguiu custear esse gasto. Aqui, percebemos que o foco se volta para a meritocracia e os benefícios de ter dinheiro, pois o capital utilizado foi o dele, então, se coloca como um exemplo e referencial de que é possível prosperar somente com as suas capacidades individuais, sem precisar da ajuda do Estado, da sociedade e da sua própria família.

---

<sup>5</sup> A materialidade está disponível no seguinte link:

<[https://www.tiktok.com/@bruno\\_perini/video/7027063708224425222?q=mentalidade%20de%20pobre&t=1677879995109](https://www.tiktok.com/@bruno_perini/video/7027063708224425222?q=mentalidade%20de%20pobre&t=1677879995109)> Acessado em 03 de março de 2023.

Argumentando sobre a meritocracia no interior da racionalidade neoliberal, Wayne e Cabral (2021, p. 2) aduzem que “Na estrutura ideológica do capitalismo, a meritocracia impinge nos indivíduos a crença de que uma combinação de certas características – o talento, a atitude certa o trabalho árduo – coloca os indivíduos no topo da estrutura de classes [...]”. Como exposto, a meritocracia é um dos princípios fundamentais da racionalidade neoliberal. Os defensores desta noção acreditam que basta os indivíduos se esforçarem o suficiente para alcançarem e merecerem o sucesso. Logo, a desigualdade social é causada pela ausência de esforços individuais dos sujeitos.

Discrepando destas noções, muitos críticos não acreditam na meritocracia, pois alegam que ela não condiz com a realidade de muitos países, passando a agir como uma mola propulsora para a acentuação das desigualdades sociais, dando privilégios para alguns e tirando privilégios de outros. Um outro efeito colateral das ideologias pregadas pela meritocracia diz respeito à pobreza: ao legitimar as desigualdades sociais e pregar, utopicamente, que as oportunidades são iguais para todos, a meritocracia corrobora para o aumento a pobreza, pois favorece, sobretudo, os indivíduos que já são abastados. Alguns autores são enfáticos ao pontuar essa questão, como o estudo de Wachelke *et al* (2020), para quem que a meritocracia é responsável pela tentativa de ocultar as configurações sociais responsáveis pela distribuição da desigualdade.

#### **Materialidade discursiva 4**

A quarta materialidade analisada foi retirada da conta de @tarcisio.avila<sup>6</sup>. O perfil em questão tem 3,428 mil seguidores e já recebeu um total 28,3 mil curtidas em todos os seus vídeos. O material analisado tem a duração de 25 segundos, 25,100 mil curtidas e possui a seguinte legenda: “Mentalidade Pobre x Mentalidade Rica. E aí, de que lado você se encontra?  #finanças #finançaspessoas #finançasempresarial #dinheiro #negocios”.

O enunciador não aparece no vídeo, mas uma voz em *off* enuncia, ao mostrar uma lousa e explicar, em um tom professoral, as diferenças entre as duas mentalidades, levando o sujeito a se localizar em uma delas através de uma pergunta, que, embora esteja presente na legenda, aparece novamente no final do vídeo. “E aí, de qual lado você se encontra?”

O sujeito pobre é discursivizado como quem (i) gasta mais, (ii) fala mal dos outros, (iii) vê o dinheiro de modo inadequado, (iv) vive reclamando e (v) para de estudar. O rico é discursivizado como quem (i) vive de forma simples, (ii) é aberto ao diálogo, (iii) estuda mais e (iv) enxerga o dinheiro como um meio, diferentemente da mentalidade pobre.

Partindo de uma breve análise, podemos refletir sobre alguns pontos: em um primeiro momento, o pobre é compreendido como alguém que “gasta mais”, porque, ao manifestar uma posição que não ocupa, gasta mais para se assemelhar a tal posição. O segundo ponto elencado pelo enunciador sobre a postura do pobre é “falar mal dos outros”. Isso nos faz acreditar que esse sujeito ocupa mal o seu tempo e não é aberto a ideias que, de fato, o façam mudar de condição. Também é possível entrever que estes sujeitos possuem certo aborrecimento pela sua situação e, por isso, cobiçam a posição do rico. O terceiro ponto produz o sentido de que existe um modo adequado de ver e gastar o dinheiro do indivíduo pobre, como se o enunciador conhecesse as condições de todos (as) e pudesse, portanto, organizar as suas prioridades a partir unicamente do seu lugar de fala. Uma outra característica conferida ao pobre é que ele supostamente vive reclamando; no entanto, em nenhum momento o enunciador problematiza as reais condições ou razões disso. Por fim, uma última questão pontuada pelo enunciador é de que o pobre “para de estudar”, todavia, também não é

---

<sup>6</sup> A materialidade está disponível no seguinte link:

<<https://www.tiktok.com/@tarcisio.avila/video/6952122380043046149?q=mentalidade%20de%20pobre%20e%20rico&t=1677880218789>> Acessado em 03 de março de 2023.

apresentada nenhuma reflexão sobre as causas de abandono/evasão escolar, como a necessidade de trabalho, pobreza, gravidez na adolescência (ou ausência de educação sexual), índices de desigualdade social, fatores socioemocionais, dentre tantos outros. Assim, o pobre é discursivizado como o que “[...] rompeu com as regras de conduta do mercado, com a disciplina exigida pela competição e com a moral que separa os que investem no capital humano daqueles que não quiseram seguir os valores da empresa de si mesmo, sendo, por isso, culpados” (Sousa, 2020, p. 46).

Um fato que já nos chama a atenção e que se constitui como uma regularidade encontrada nas demais materialidades trata das características negativas que são sempre atribuídas ao pobre e uma superioridade relacionada ao rico. Mais uma vez, o sujeito pobre é construído como o único responsável pela sua situação de vulnerabilidade e pelas suas próprias condições de vida. A teoria do *capital humano* (Foucault, 2008b) aparece mais uma vez no interior dos discursos.

Conforme analisamos ao longo da fala do sujeito enunciativo, entendemos que a pobreza é discursivizada como atitudes e modos que socialmente são considerados como prestigiosos, por isso, nem sempre essa pobreza ou riqueza está relacionada ao dinheiro, mas a práticas que nem sempre são garantidas ao pobre pelo sistema. Sob o viés neoliberal, o indivíduo se materializa como empreendedor de si mesmo, devendo investir em cursos, bem como treinamentos de maneira continuada, dispor de tempo e dinheiro a fim de competir, vencer as concorrências existentes no mercado, estar disposto a correr riscos, superar-se e manter a sua performance.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso deste texto, buscamos analisar como a racionalidade neoliberal influi na produção de discursos sobre a pobreza em quatro vídeos que circularam no *TikTok*. O exercício analítico permitiu-nos identificar algumas regularidades discursivas acerca da pobreza por meio das quais foi possível perceber uma formação discursiva de cunho neoliberal, em virtude de contínuas estratégias discursivas que materializaram a figura do sujeito como sendo o único responsável pelas suas próprias condições de vida, tendo dificuldades de reconhecer os problemas que permeiam esta razão, pois se apegam e defendem que o esforço individual é o único caminho para se obter sucesso pessoal e profissional.

Dentre as seguintes estratégias discursivas analisadas, destacamos: a) majoritariamente, os vídeos apresentam trechos que são enunciadas em primeira pessoa, dando maior representatividade e credibilidade aos seus dizeres, na medida em que se colocam como exemplos a serem seguidos; b) ao constantemente “apontarem para a cabeça”, os sujeitos enunciativos dos vídeos buscam se afastar da questão financeira como relacionada ao cunho social e ao coletivo e enfocam apenas o psíquico de cada sujeito; c) associam o funcionamento psíquico a um computador, tratando-o como uma programação mental, ou seja, que só depende de cada um; d) os discursos incidem o seu foco sempre sobre o sujeito, como sendo o responsável por si, formando uma representação do empreendedor como uma necessidade premente, para que, assim, não questionem as regras do sistema capitalista.

Em suma, os discursos aqui analisados fazem-nos compreender que, atualmente, o *TikTok* tem sido um robusto veículo utilizado para disseminar discursos de sucesso por parte de diversos empreendedores, formando e engendrando uma noção de que ser empreendedor é algo vantajoso e “atraente”, moldando os sujeitos que estão nessa mídia social e performatizando um discurso potencialmente sedutor e perigoso.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, A. C.; BAGNO, L. I. M. GONÇALVES, N. Entregas mediadas por aplicativo e o mito do empreendedor de si mesmo na pandemia do coronavírus. *Revista Direito Unb*, v. 4, n. 2, maio-ago, 2020. Disponível em: [https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/14345/1/ARTIGO\\_EntregasMediadasAplicativos.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/14345/1/ARTIGO_EntregasMediadasAplicativos.pdf). Acesso em: 15 mar. 2023.
- AZEVEDO, S. D. R. de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. *Eletrônicas*, [s. l.], v. 06, p. 149-162, 2013.
- CAMPOS, R. S. O impacto das reformas econômicas neoliberais na América Latina: desemprego e pobreza. *Polis*, [s. l.], p. 01-20, out. 2007.
- CARMO, L. J. O.; ASSIS, L. B. de.; GOMES JÚNIOR, A. B.; TEIXEIRA, M. B. M. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. *Cadernos Ebape.Br*, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 18-31, mar. 2021.
- CRARY, J. *Terra arrasada – além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*. São Paulo: Ubu, 2023.
- DANTAS, C. O tiktok e o futuro de criação de conteúdos na web. *Continente*, [s. l.], p. 01-04, ago. 2022.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FEITOSA, A. B.; DE SOUZA FILHO, M.A.; SANTOS, T. C. S. Desigualdade social em período de pandemia: O aumento do desemprego e da pobreza no Brasil em 2020, em uma perspectiva a partir do princípio de dignidade da pessoa humana. *Revista Formadores*, v. 15, n. 2, 2022.
- FISCHER, R. M. B. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano A. (Org.) *Estudos do Discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 123-151.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969] 2008.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, [1970] 2013.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France: (1978-1979)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2008b.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DEYFRUS, Hubert. L.; RABINOW, Paul. *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1982] 1995. p. 231-249.
- GREGOLIN, Mario do Rosário. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Orgs.). *Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso*. Campinas: Pontes, 2016, v. 1, p. 115-142.
- HAN, B. C. *Sociedade do cansaço*. Trad. – Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Condições de vida, desigualdade e pobreza*. Rio de Janeiro: IBGE. 2021.
- JOANILHO, A. L. Enunciado e Sentido em Michel Foucault. *Línguas*, [s. l.], p. 27-41, 2016.
- LEITE, E. S. A resignificação da figura do especulador-investidor e as práticas de educação financeira. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 114–130, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/24446>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KIYOSAKI, R. T. *Pai rico, pai pobre*: edição comemorativa. Trad. Maria José C. Monteiro. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

LUZ, S. *Mapa da FGV aponta que pobreza aumentou na pandemia de covid-19*: número de novos pobres surgidos chega a quase 30% no período. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2022-06/mapa-da-gv-aponta-que-pobreza-aumentou-na-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 19 ago. 2022.

NEUMANN, K. R. A objetivação dos trabalhadores desempregados e dos pobres em sujeitos infames e o discurso do/sobre o Auxílio Emergencial na pandemia da Covid-19. *Heterotópica*, [s. l], v. 4, p. 143-157, 2022.

OLIVEIRA, C. S. Neoliberalismo, sofrimento e indiferença. Ver. *Rev. Katálisis*, Florianópolis, v. 25, p. 365-373, 2022.

SILVA, F. V. da. Discurso, humor e resistência à racionalidade neoliberal em tiras da série “Meritogatinhas”, de Helô D’Angelo, *Signótica*. Goiânia, v. 34, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/72454> Acesso em: 15 mar. 2023.

SILVA, G. F.; MACHADO JÚNIOR, S. S. A construção do sujeito em Michel Foucault. *Entreletras*, Araguaína, v. 07, p. 200-210, jan. 2016.

SILVA, L. M. *A racionalidade neoliberal e o mercado de coaching*: um estudo de caso sobre o método CIS. 2022. 48 f. Monografia (Licenciatura e Bacharelado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

SOUSA, K. M. de. Biopolítica, discurso e controle da população pobre. *Moara*, Belém, v. 1, n. 57, p. 34, 30 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.9506>.

SOUZA, M. B.; HOFF, T. S. R. Governo Temer e a volta do neoliberalismo no Brasil: possíveis consequências para a habitação popular. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, n.11, e20180023, 2019.

TORRES-TOUKOUMIDIS, A.; DE-SANTIS, A. Introducción. In: TORRES-TOUKOUMIDIS, A.; DE-SANTIS, A.; VITIMILLA, L. D. *TikTok*: más allá de la hipermidialidad. Quito: Editorial Abya-Yala, 2021. p. 7-11.

TILIO, R. Discurso e Linguagem: uma perspectiva social. *Eletrônica do Instituto de Humanidades XXV*, v. 7, n. 25, p.99-123, 2008.

WACHELKE, J. R.; PAGLIARO G.; L. M. M.; RAMOS S. A. B.; SARAIVA, V. N. R. Causas de la pobreza, la meritocracia y la igualdad. *Mediaciones Sociales*, v. 19, p. e65133, 25 may2020 <https://doi.org/10.5209/meso.65133>.

WAYNE, M.; CABRAL, V. N. Capitalismo, classe e meritocracia: um estudo transnacional entre Reino Unido e Brasil. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 3, e117535, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/QfPgJhMxBvKPG7YgnMvJwGs/>. Acesso em: 13 mar. 2023

**Wislany Morais de Oliveira**

---

Graduanda em Letras/Português (UFERSA) e integrante do grupo de pesquisa Discurso com Foucault (Dis.com.fou/UFERSA)..

**Emanuele Vitória de Oliveira Leite**

---

Mestra em Letras (PPGL/UERN), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Faculdade Dom Albert), em Mídias da Educação (UERN), Graduação em Pedagogia (UNINTA) e Graduação em Letras/Inglês (UFERSA). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa de Residência Pedagógica (RP) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Francisco Vieira da Silva**

---

Doutor em Linguística (UFPB), Mestre em Letras (UERN), Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância (UFPB), Graduado em Letras (UEPB). Realizou Estágio Pós-Doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN). Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/IFRN/UFERSA). Líder do Grupo de Pesquisa Discurso com Foucault (Dis.com.fou/UFERSA).

*Recebido em 30/05/2023.*

*Aceito em 30/10/2023.*

A